

## THOR, O SENHOR DOS BODES: UM ESTUDO DE SIMBOLOGIA ANIMAL

### THOR, THE LORD OF THE GOATS: A STUDY OF ANIMAL SYMBOLOGY

Leandro Vilar Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Entre alguns dos epítetos que o deus Thor recebia, estava o de ser o “Senhor dos Bodes”. Os mitos contam que o deus do trovão viajava pelo céu numa carroça puxada por dois bodes. Os mitos narram que outras divindades nórdicas também estavam relacionadas a animais, os quais possuíam um papel importante não apenas na mitologia, mas também na religião e costumes daquela sociedade. A proposta desse artigo foi analisar por quais motivos o deus Thor tinha como animais simbólicos os bodes. Quais características tornavam estes animais dignos de representarem valores simbólicos do deus do trovão nórdico? Para isso, realizou-se um estudo de mitologia e de simbologia, a fim de identificar elementos tanto o âmbito escandinavo como também de outras tradições mitológicas e religiosas, nas quais cabras e bodes estavam associados a trovões e raios.

**Palavras-chave:** Thor; bodes; mitologia nórdica; simbologia animal.

**Abstract:** Among some of the epithets that the god Thor received, the being was the "Lord of the Goats". The myths say that the god of thunder travels through the sky in a cart drawn by two billy-goats. The myths that narrate other Nordic deities were also related to animals, which had an important role not only in mythology, but also in religion and customs of that society. The purpose of this paper was to analyze for what reasons the god Thor had as symbolic animals goats. What characteristics made these animals worthy of representing symbolic values of the Norse thunder god? For this, we carried out a study of mythology and symbology, to identify elements of both the

---

Artigo recebido em 09/11/2016. Aprovado em 16/11/2016.

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências das Religiões (PPGCR-UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB), Pesquisador do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE).

Scandinavian context as well as other mythological and religious traditions, in which nanny-goats and billy-goats were associated with thunder and lightning.

**Keywords:** Thor; goats; Norse mythology; animal symbology.

## Introdução

Durante a Era Viking (VIII-XI), Thor tornou-se uma das divindades mais adoradas pelos nórdicos, assim como personagem central de vários mitos, muitos destes preservados nas *Eddas*. Embora seu pai Odin fosse o rei dos deuses e seja um deus recorrente nas *Eddas* e nas *Sagas Islandesas*, Thor por sua condição de deus guerreiro, herói, mas também por estar associado a distintos atributos, isso levou a expansão de seu culto, tornando-o o deus mais popular daquele período.

Mas para além de ser o senhor dos raios e trovões, o matador de gigantes, o campeão dos deuses, Thor entre alguns de seus epítetos era chamado de o Senhor dos Bodes (*Hafra Dróttin*). Mas qual seria a relação entre um deus guerreiro, controlador das intempéries elétricas, matador de gigantes com esse animal doméstico? O que tornaria os bodes animais simbolicamente associáveis a essa importante divindade? Por que animais como lobos, ursos e águias, os quais se sabem ter relação com o deus Odin, não possuíam a mesma relação com Thor?

A partir dessas perguntas procuramos analisar o simbolismo dos bodes para identificar por quais elementos tais animais estariam associados ao deus Thor, sabendo que cabras e bodes eram servidos ao deus em sacrifício. Com isso, realizamos um trabalho de simbologia animal, a qual de acordo com Roy Willis (1994, p. IX) consiste num ramo dos estudos de simbologia, referente ao estudo das representações simbólicas em âmbito social, cultural, religioso, mitológico etc., dos mais diversos tipos de animais ao longo da História. Ainda a respeito da simbologia animal, Jennbert comentou o seguinte:

Animals play an important part for humans. We relate to animals in different ways and are somehow dependent on animals for their practical utility as a source of food, for transport, for medical research, and as company. Besides the functional aspects, animals and their properties hold symbolic values for humans. Through their mere existence, animals contribute to the way people regard themselves. Humans and animals have been close to each other for thousands of years, and the outlook on animals differs in different cultural worlds. Emotional and functional relations to animals go a long way back in time. (JENNBERT, 2011, p. 9).

Acerca do recorte deste estudo, o qual diz respeito aos estudos escandinavos, Jennbert também assinalou o seguinte sobre o papel dos animais nos mitos nórdicos:

Norse mythology is filled with animals of different kinds. There are domesticated animals, wild animals, and imaginary animals with extraordinary properties. The animals have both functional and symbolic meaning. They are active, doing different things. They intervene in events. They can be destructive but also helpful in many ways. The figures are often highly independent, and many of them are given individual names. (JENNBERT, 2011, p. 46).

A partir dessa perspectiva apresentada pela arqueóloga Kristina Jennbert, na relevância de se estudar o simbolismo animal, realizamos esse estudo simbólico com base na metodologia proposta por Renfrew e Bahn (2012, p. 390), em específico no que concernem três aspectos de seu método: a função social do símbolo; a função religiosa, mitológica ou mágica; os símbolos como arte de representação do mundo. Para isso, adotamos os seguintes conceitos sobre símbolo:

Símbolo seria uma influência social, cultural e mental, pela qual os indivíduos de uma cultura ou de outras culturas encontrariam reconhecimento com tais imagens, pois os símbolos transmitem valores, experiências e ideias, mesmo que possam possuir significados diferentes para as pessoas. (CHEVALIER; GHEERBANT, 1986, p. 16).

Por sua vez, Tzvetan Todorov (1977, p. 204-206) concebeu que o símbolo possuiria um significado particular (o objeto, a imagem) e um significado geral (o ideal, a ideia). Pela explanação de Todorov o símbolo possui um sentido externo (ideia)

e um sentido interno (imagem). Sendo assim, um animal que possui um sentido simbólico para uma determinada cultura, possuem estes dois aspectos: o sentido interno (o bode significa algo) e o sentido externo (o bode representa, personifica algo).

Para John Robb (1998, p. 332-339), os símbolos estariam divididos em três categorias: 1) o símbolo como informação (propagador de ideias); 2) como representação de “estruturas mentais” (conceitos sociais, geográficos, históricos, culturais, religiosos e mitológicos); 3) capacidade de transformação. Entende-se que os símbolos não são imutáveis, que um mesmo símbolo pode ter distintos significados não apenas entre povos diferentes, mas mesmo dentro da sociedade e cultura que ele pertence.

Diante de tais conceitos acerca de símbolo, adotamos como fonte de estudo a *Edda Poética* e a *Edda em Prosa*, cujas narrativas mitológicas nos fornecem informações a respeito de Thor ser chamado de o “Senhor dos Bodes”, assim como sua relação com tais animais. Dessa forma o estudo foi dividido em se apresentar as narrativas nas fontes, as atribuições religiosas e mitológicas do deus Thor, para assim adentrar a análise simbólica das cabras e bodes entre algumas culturas, procurando similaridades com o caso escandinavo.

## 1. Os bodes de Thor nas Eddas

Na *Edda Poética*, conjunto de poemas de autoria anônima, oriundos entre os séculos X e XIII, os quais foram compilados na Islândia no final do século XIII, apenas dois poemas mencionam os bodes de Thor, o primeiro poema é o *Hymiskviða*, história que narra a jornada de Thor e Tyr até a terra dos gigantes, no intuito de conseguir um caldeirão para se preparar cerveja.

O poema *Hymiskviða* (A balada de Hymir) foi composto entre os séculos X e XI, preservado em dois manuscritos: o *Codex Regius* (o sétimo poema da sequência) e o *AM 748 I 4to*. [...]. *Hymiskviða* é extremamente semelhante a outro poema édico, *Þrimskviða*, em muitos

pontos: é um poema muito curto, comparado às narrativas édicas (39 estrofes; 33 no *Primskviða*). (LANGER, 2015, p. 259-260).

Na narrativa, os deuses estão se banquetando em Asgard, quando o gigante Égil<sup>2</sup> lhes avisa que a cerveja havia acabado. Um burburinho se instala e os deuses se zangam, porém Égil diz que se lhe trouxessem um caldeirão maior e melhor, poderia fazer mais cerveja. Thor se habilita a ir buscar um caldeirão, neste momento, o deus Tyr lhe sugere ir procurar seu padraсто, o gigante Hymir, o qual deveria ter um caldeirão adequado. Assim, Thor e Tyr deixam Asgard e viajam para Jotunheim, a terra dos gigantes, ao encontro de Hymir, dando início a narrativa.

O poema possui alguns desdobramentos, o que levou alguns estudiosos a indagar se ele não teria sido interpolado, ou seja, se estrofes foram acrescentadas ao texto original, pois além da missão de conseguir esse caldeirão, Thor acompanha Hymir ao mar, pois o gigante ia pescar, e na ocasião o deus do trovão aproveitou para tentar pescar a Serpente do Mundo, Jormungand. Além desses dois acontecimentos há um terceiro, o qual envolve os bodes de Thor, o que será tema deste estudo. Além disso, o poema é cheio de metáforas (*kennings*) o que também dificulta sua leitura e interpretação. (LANGER, 2015, p. 260).

No que diz respeito às menções aos bodes, o poema *Hymiskviða* os citam em quatro momentos, o primeiro se encontra na estrofe 7:

Estrofe 7 do <i>Hymiskviða</i>	
Föru drjúgum   dag þann <i>framan</i>	Forward that day   with speed they fared,
Ásgarþi frá,   unz til Egils kvömu;	From Asgarth came they   to Egil's home;
<i>hirþi hafra</i>   <i>hornqofgasta</i> ;	<i>The goats with horns</i>   bedecked he guarded;
hurfu at hollu   es Hymir átti.	

<sup>2</sup> Embora os gigantes fossem inimigos dos deuses na maioria das vezes, Égil estava entre as exceções. Ele era marido da deusa do mar, Rán. No poema *Lokasenna*, também contido na *Edda Poética*, Égil como de costume, convida os deuses para um banquete em sua casa. O gigante era conhecido por ser um exímio preparador de cerveja. (LINDOW, 2002, p. 47-49).

(HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 193-194).	Then they sped to the hall   where Hymir dwelt.  (HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 193-194).
---	---

Na estrofe 7 Thor e Tyr estão deixando Asgard para seguir viagem à *Casa de Hymir* (aqui uma metáfora para se referir a terra dos gigantes). A estrofe menciona que os deuses chegaram à casa de Hymir com dois bodes de gloriosos chifres (*hirði hafra hornogfgasta*). Esse verso alude ao fato de que a carruagem de Thor era puxada por dois bodes<sup>3</sup>.

A segunda menção aos bodes ocorre na estrofe 21. Nessa parte da narrativa, Thor decidiu acompanhar Hymir para pescar, mas seu intuito era pescar a Serpente do Mundo, Jormungand<sup>4</sup>.

Estrofe 21 do <i>Hymiskviða</i>	
Bað hlunngota   <i>hafra dróttinn</i>  ātrunn apa   ūtar fōra;  en sã jōtunn   sīna talþi  litla fýsi   lengra at roa.  (HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 199).	<i>The lord of the goats</i>   bade the ape-begotten  Farther to steer   the steed of the rollers;  But the giant said   that his will, forsooth,  Longer to row   was little enough.  (HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 199).

<sup>3</sup> A maioria dos deuses parecia viajar a cavalo, porém Thor tinha sua carruagem puxada por bodes, Freyja tinha sua carruagem puxada por gatos, e seu irmão Freyr viajava em seu javali dourado. No caso dessas divindades, estes animais estavam associados as suas características e atribuições divinas.

<sup>4</sup> Jormungand é um dos filhos de Loki e Angrboða. O mito da pescaria de Jormungand é um tema recorrente na mitologia nórdica, havendo várias versões dessa história. A versão mencionada no *Hymiskviða* é uma das mais conhecidas. (LANGER, 2015, p. 184-187).

Na estrofe 21, percebe-se que Thor é referido pelo epíteto de Senhor dos Bodes (*hafra dróttinn*). Ambos estavam no barco, enquanto navegavam mar adentro. Hymir relutou ir adiante, pois temia se deparar com a gigantesca serpente que habitava o oceano, mas Thor discutiu com ele e disse que ele estava ali para confrontar a serpente, então obrigou Hymir a remar ainda mais. Eventualmente ambos acabaram se deparando com Jormungand e Thor tentou pescá-lo, a fim de tentar matar terrível monstro. Embora ele acabou falhando devido a covardia de Hymir, o qual cortou a linha de pesca, deixando a serpente escapar.

A terceira menção aos bodes ocorre após o retorno deles, na estrofe 32:

Estrofe 32 do <i>Hymiskviða</i>	
<p>Harþr reis ā knē   <i>hafra dróttinn</i>,  fōrþisk allra   ī āsmegin:  heill vas karli   hjalmstofn ofan,  en vīnferill   valr rifnaði.  (HILDEBRAND; GERING;  BELLOWS, 2011, p. 204).</p>	<p><i>The goats' mighty ruler</i>   then rose on his knee,  And with all the strength   of a god he struck;  Whole was the fellow's   helmet-stem,  But shattered the wine-cup   rounded was.  (HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p.  204).</p>

Thor retornou a casa de Hymir e encontrou Tyr. O deus do trovão estava bastante aborrecido por seu plano de matar Jormungand ter falhado, então falou para Tyr que estava na hora de ir embora. Entretanto, Hymir irritado com a grosseira do deus do trovão, decidiu não deixa-lo partir com seu caldeirão. Ele convocou outros gigantes e estes partiram atrás de Thor e Tyr. Thor largou o caldeirão, então empunhou seu martelo e matou os gigantes.

Após matar os gigantes, Thor colocou o caldeirão na sua carruagem, e partiu com Tyr. Já no final do poema, na estrofe 38, é mencionada uma ocorrência que se sucede na viagem de volta.

Estrofe 38 do <i>Hymiskviða</i>	
Fōrut lengi,   āþr liggja nam <i>hafr Hlōrriþa</i>   halfdauþr fyrir; vas <i>skær</i> skōkuls   slakkr ā <i>beini</i> : þvi enn lævīsi   Loki of olli. (HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 207).	Not long had they fared   ere one there lay <i>Of Hlorrithi's goats</i>   half-dead on the ground; In his leg the pole-horse   there was lame; The deed the evil   Loki had done. (HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 207).

Durante a viagem de volta à Asgard, um dos bodes acabou ferindo uma das patas e caiu quase morto ao chão. Sem motivos claros, o texto informa que o responsável pelo ferimento ao animal, teria sido Loki, mas o porquê ele teria feito isso, não é conhecido, já que nessa história Loki nem se quer aparece. Talvez isso se trate de uma interpolação ou remoção do texto original. De qualquer forma, Thor e Tyr retornam vitoriosos para Asgard.

O segundo poema édico que menciona os bodes do deus Thor é o *Thrymskviða* (*Þrimskviða*). Comentado anteriormente, este poema possui certas semelhanças com o *Hymiskviða*, no que diz respeito à estrutura de enredo. Enquanto no poema anterior, Thor e Tyr partem para Jotunheim a fim de conseguir um caldeirão para fazer cerveja, no *Thrymskviða*, Thor e Loki partem para Jotunheim no intuito de reaver o martelo Mjöllnir, roubado pelo gigante Thrym.

O poema édico *Þrimskviða* (A canção de Þrymr) é encontrado somente no manuscrito *Codex Regius*, não sendo citado por Snorri ou pela poesia édica. Ele narra a história do roubo do martelo de Thor pelo gigante Þrymr. Para alguns acadêmicos, o poema remontaria ao século X, mas a grande maioria dos estudos aponta a data de composição para os séculos XII e XIII. A narrativa também se tornou muito popular no folclore, tendo recebido várias versões durante o século XIV, na forma de *rímur*. Alguns estudos apontam conexões com outras narrativas indo-europeias de furto do martelo e o pesquisador John Lindow acredita, que independente de sua datação, a narrativa do *Þrimskviða* é consistente com o restante da mitologia escandinava. Já para a



mitóloga Margaret Clunies Ross, o poema reflete a audiência social da Islândia medieval, em relação às representações das divindades e de sua humilhação e recuperação da honra. (LANGER, 2015, p. 503-504).

Diferente do poema *Hymiskviða* no qual há quatro menções aos bodes de Thor, no poema *Thrymskviða* há apenas uma menção, daí optamos em comentar brevemente essa narrativa, sem adentrar pormenores. A trama se inicia com Thor despertando em casa, e se enfurecendo ao perceber que seu martelo havia sumido. Thor chama Loki para ajudá-lo, pois Loki era conhecido por ser bastante inteligente e sagaz.

Loki decide ajudar o deus do trovão, então ele parte para visitar a deusa Freyja e lhe pede emprestado sua capa mágica, feita de penas de falcão, que permitia a quem usasse a habilidade de voar. Assim Loki voa até Jotunheim e encontra o gigante Thrym cuidando de seus cães e cavalos, durante a conversa, o gigante confessou que roubou o martelo de Thor. Para devolvê-lo, ele propôs uma condição: que a bela deusa do amor, Freyja lhe fosse enviada como noiva.

Loki retorna a Asgard e conta a Thor sobre o ocorrido e a condição para reaver o martelo. Depois eles narram isso a Freyja, a qual prontamente se recusa a aceitar se casar com aquele gigante. Os deuses fazem uma reunião para deliberar sobre o ocorrido, Heimdall sugere que Thor fosse disfarçado de noiva, e assim retomasse seu precioso martelo. O deus do trovão relutou de início, mas vendo que não havia outra forma, ele decidiu se vestir de noiva e partiu em companhia de Loki. Na estrofe 21, os bodes de Thor são mencionados:

Estrofe 21 do <i>Þrymskviða</i>	
<i>Senn vǫru hafrar   heim of vrekniŕ, skyndir at skǫklum,   skyldu vel rinna: bjǫrg brotnuþu,   brann jǫrþ loga, ōk Ōþins sunr   ī jǫtunheima.</i>	<i>Then home the goats   to the hall were driven, They wrenched at the halters,   swift were they to run; The mountains burst,   earth burned with fire, And Othin's son   sought Jotunheim.</i>

(HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 246).	(HILDEBRAND; GERING; BELLOWS, 2011, p. 207).
---	---

Na estrofe 21, menciona-se que os bodes foram levados até a casa e postos nos arreios da carruagem, pela qual Thor e Loki viajaram com grande fúria, destruindo montanhas e queimando a terra. Depois o poema prossegue narrando a chegada de Thor e Loki ao casamento, e termina com o deus do trovão reavendo seu martelo e matando os gigantes.

Percebe-se que dos vários poemas que compõem a *Edda Poética*, apenas em dois deles há referências diretas aos bodes de Thor, sendo o mais importante o *Hymiskviða*, no qual ocorrem quatro menções a sua relação com os caprinos, e o único a se referir ao deus do trovão como “Senhor dos Bodes”.

Por sua vez, na *Edda em Prosa*, também chamada de *Edda Menor* ou *Edda de Snorri*, obra dividida em quatro partes: prólogo, *Gylfaginning*, *Skáldskaparmál* e *Háttatal*, atribuída sua autoria ao islandês Snorri Sturluson por volta da década de 1220. (Ross, 2005, p. 137). Encontram-se outras menções aos bodes de Thor, o que inclui seus nomes, como também traz outra versão para a história de que um dos animais teve a pata ferida.

O *Gylfaginning* (“Alucinação de Gylfi”) consiste numa conversa entre o rei Gylfi e três misteriosos reis chamados o Alto, o Altíssimo e o Terceiro, os quais consistem em manifestações do deus Odin. O rei Gylfi chega ao palácio desses monarcas, cheio de curiosidade acerca do mundo e do passado, então começa a indagar os três soberanos a respeito, os quais vão narrando os mitos. No *Gylfaginning* 20/21<sup>5</sup> é apresentado o nome dos dois caprinos, assim como a justificativa ao fato de Thor ser

---

<sup>5</sup> Existem quatro manuscritos conhecidos da *Edda em Prosa*. Para esse estudo usamos uma tradução do manuscrito *Uppsalaabókar*, o qual é o único que consta a autoria da obra sendo atribuída a Snorri Sturluson. Neste manuscrito a parte analisada é o 20, mas nos demais manuscritos ela aparece no 21.

chamado de Öku-Thor (ÖkuÞórr), algo traduzido como “Thor da carruagem”, “Thor o cocheiro”, “Thor o que conduz”<sup>6</sup>.

Trecho do <i>Gylfaginning</i> 20/21	
Þórr á <i>hafra tvá</i> ok reið eina. Svá heita hafrarnir: <i>Tanngnjóstr ok Tanngrisnir</i> . Þórr ekr í reiðinni þá er hann ferr í Jötunheima, en hafrarnir draga reiðina. Því heitir hann <i>Öku-Þórr</i> . (STURLUSON; FAULKES, 2012, p. 38).	Þórr has <i>two goats</i> and a chariot. The goats are called thus: <i>Tanngnjóstr and Tanngrisnir</i> . Þórr drives in his chariot when he goes to the world of giants, and the goats draw the chariot. This is why he is called <i>Öku-Þórr</i> . (STURLUSON; FAULKES, 2012, p. 39).

A segunda menção aos bodes ocorre no *Gylfaginning* 44, no qual narra a viagem de Thor e Loki à Utgard, uma cidade na terra dos gigantes, e governada pelo rei Utgard-Loki. Antes de chegarem à terra dos gigantes, Thor e Loki decidiram passar à noite na casa de uma família de camponeses.

Trecho do <i>Gylfaginning</i> 44	
Tók Þórr <i>hafrana ok skar</i> , ok vóru þeir flegnir ok bornir til ketils. Ok er soðit var, settist Þórr til matar ok bauð bónda til nótturðar ok börnum hans. Son hans hét Þjálfí en Røska dóttir. Þá lagði Þórr hafrstökurnar útar frá eldi ok mælti at börnin skyldu kasta beinunum á stökurnar. <i>Þjálfí, son bónda, laust lærlegg hafrsins með knífi sínum ok spretti til mergjar</i> . Þórr var þar um nóttina ok í óttu stóð hann upp ok klæddist, tók Mjølmi ok brá upp ok vígði hafrstökurnar. Stóðu hafrarnir upp ok var annarr haltr epra fóti. Þórr fann þat, lét bónda eða hjú hans eigi mundu <i>hafra skynsamliga með farit beinunum, lét brotinn</i>	Þórr took his <i>goats and slaughtered them</i> , and they were skinned and put in the pot. And when it was cooked, Þórr sat down to his food and invited the peasant to an evening meal and his children. His son was called Þjálfí and his daughter Røska. Then Þórr placed the goatskins on the other side of the fire and said that the children were to throw the bones onto the skins. <i>The peasant's son Þjálfí struck the goat's ham-bone with his knife and split it open for the marrow</i> . Þórr stayed there the night, and just before dawn he got up and dressed, took Mjöllnir and raised it and blessed the goatskins. <i>The goats got up and</i>

<sup>6</sup> O epíteto de Öku-Thor (ÖkuÞórr) apenas consta na *Edda em Prosa*, sendo mencionado no *Gylfaginning* 20/21, 44, 46, 48 e 53, e no *Skáldskaparmál* 1.

<i>legg hafrsins. Bóndinn varð hræddr er Þórr lét síga brúnina fyrir augun. (STURLUSON; FAULKES, 2012, p. 64).</i>	<i>one was lame in its hind leg. Þórr noticed this, said the peasant or one of his people must have not treated the bones with proper care, said the goat's leg was broken. (STURLUSON; FAULKES, 2012, p. 65).</i>
--	--

Voltaremos a abordar adiante esse acontecimento mais detalhadamente, mas de antemão se faz necessário dizer que Thor matou Tanngrjóstr e Tanngrisnir, os servindo como refeição para o jantar, pedindo apenas que os ossos não fossem danificados. Porém, por descuido, o jovem Thjálfí (Þjálfí) acabou quebrando um dos ossos da pata de um dos bodes. No dia seguinte quando o deus do trovão ressuscitou os dois animais, um dos bodes estava manco. Tal acontecimento nos faz remeter ao final do poema do *Hymiskviða*, no qual diz que um dos bodes estava com a pata ferida.

## 2. As atribuições do deus Thor

Tendo conhecido as principais menções a Thor e seus bodes nos mitos, agora passaremos a análise que tentou identificar o porquê do deus do trovão estava associado com tais animais de fazenda. Para se compreender isso é preciso conhecer alguns aspectos da faceta dessa divindade que normalmente o grande público não está familiarizado.

Para além de ser o senhor dos raios e trovões, o matador de gigantes, o campeão dos deuses, o protetor de Midgard, Thor era uma divindade associada ao clima, não apenas aos fenômenos elétricos, mas as próprias chuvas. Tal condição é reflexo do fato de Thor ser filho de Odin e de Jörd (a deusa da terra). Nesse sentido o deus do trovão seria fruto da união entre o celeste e o terreno, algo bastante simbólico se pensarmos em termos fenomenológicos como sugerido por Raffaele Pettazzoni:

De trás del Padre Celestial hay una larga tradición de civilización pastoral y patriarcal; detrás de la Madre Tierra, la de una civilización agraria y matriarcal. El Padre Celestial es el Ser Supremo típico de los

nômades que viven de los productos de sus rebaños, los que dependen de los pastos y éstos a su vez de la lluvia que cae del cielo. (PETTAZZONI, 1986, 93).

Pensando na acepção dada por Pettazzoni acerca do simbolismo do Pai Celestial e da Mãe Terra, na Era Viking os escandinavos eram sedentários (exceto os Sámi na Lapônia, os quais ainda viviam como nômades), mas ainda que fossem sedentários, eles eram uma sociedade predominantemente rural, pautada no pastoril de ovinos e caprinos e no cultivo de cereais (CLARKE, 2006, p. 58). Assim, o elemento rural e pecuário mencionados por Pettazzoni encontram respaldo no modo de vida daquela sociedade.

Dessa forma, Thor por ser o filho de uma divindade celeste e de uma divindade terrena, acabava atribuindo a si as noções relacionadas à manutenção dos rebanhos e a fertilidade dos campos<sup>7</sup>.

The great attribute of Thor was his ability to control the weather, which is why he is most usually thought of as the creator of thunder and lightning. But he was also the Norse fertility god. This is not surprising, given the close link between the weather and harvests, and not just rainfall. An old superstition has it that summer lightning ripens crops, thus Thor ensured the fruitfulness of the crops and the continuity of the seasons. By ensuring rain that makes the fields fertile and the crops bountiful, Thor, like Odin before him, was carrying on the cult of a sky god that extends back at least to the Bronze Age, and maybe even earlier. (MCNAMARA, 2007, p. 289).

Tais características também encontram respaldo em outras pessoas da sua família, como no caso da sua esposa, a deusa Sif.

Para Hilda Davidson, Sif representava uma deusa da terra, identificada com a fertilidade dos cereais por meio de seu cabelo abundante. Assim, um deus celeste (Thor), fecundaria a terra (Sif), num simbolismo de hierosgamia. Régis Boyer apoia essa hipótese,

---

<sup>7</sup> A fenomenologia mencionada por Pettazzoni não encontra a mesma equivalência no caso escandinavo. Odin que personificava o “Pai Celestial”, não possuía nenhuma ligação com a agricultura, os rebanhos ou com a fertilidade. Por sua vez, a deusa Jörd que era a “Mãe Terra”, é pouco mencionada nos mitos e na religião nada se sabe a respeito. Todavia, o filho do casal absorveu os elementos que deveriam estar atribuídos aos seus pais. Algo que fica claro na citação de McNamara.

acrescentando que os cabelos de Sif também poderiam simbolizar os campos de trigo ondulados ao vento. Jacob Grimm registrou que um tipo de musgo (*Polystrichum aureum*) é chamado de *haddr Sifjar* (cabelo de Sif) na tradição nórdica, ligando Sif às plantas. (LANGER, 2015, p. 460).

Embora haja debates que indaguem se Sif teria uma relação de fato com a agricultura e a fertilidade, pois não se conhece nenhum rito associado a ela, ainda assim, no campo da mitologia e do simbolismo, Sif apresenta uma ligação com a terra, à agricultura e a fertilidade, elementos que estão associados ao seu marido.

Por sua vez, pelo fato de Thor estar associado à chuva, isso o tornava uma divindade próxima do mundo rural e do camponês, mesmo que não fosse uma divindade da fertilidade como os Vanir, mas sim um Æsir, os quais eram conhecidos por serem divindades associadas à esfera da guerra, do governo e do comando. (DUMÉZIL, 1977, p. 72).

O fato de Thor viajar pelo céu numa carruagem puxada por dois bodes, se tornou em alguns lugares a manifestação simbólica do trovão e do raio, mas também do clima, como o vento, a chuva e a tempestade em si. Nesse aspecto, Declan Taggart (2015, p. 74-75) assinala que da mesma forma que os escandinavos da Era Viking tinham a noção de que o Sol e a Lua eram puxados por carruagens, essa noção também foi passada para a figura de Thor, o qual se tornou o “condutor da tempestade”.

Não obstante, quando se analisa o culto a Thor, percebe-se que enquanto seu pai, Odin, estava mais associado à elite (*jarl*) e a classe guerreira, inclusive os próprios mitos e sagas reforçam essa identidade e ligação de Odin com a aristocracia e a nobreza. Thor estava mais associado ao restante da população (*karl*) e aos escravos (*thrall*). (Davidson, 2004, p. 62). Além disso, em algumas regiões da Escandinávia, Thor recebia epítetos que o associavam com o homem do campo: “In the South of Sweden, Thor, the thunder, is moreover called by peasants *go-boden*, “the good peasant”, *korn* or *åker-bonden*, or *korgunbben*, “the old man of grain, of the fields”. (DUMÉZIL, 1977, p. 72).

Uma hipótese vigente nas últimas décadas cogita a ideia de que parte da população nórdica medieval acreditava que após morrerem, suas almas iriam para Bilskirnir, o palácio de Thor. Sabe-se que os guerreiros, a aristocracia e a nobreza em parte acreditava que iriam para Valhala, o palácio de Odin, mas pelo que parece os camponeses talvez tivessem a crença que suas almas iriam residir nos domínios de Thor, algo que novamente o associava ao mundo rural<sup>8</sup>. (LANGER, 2015, p. 499-500).

Essa associação de Thor com o campo e a agricultura tem um papel importante para se entender sua relação com os bodes. Assim, Thor não era apenas o tempestuoso deus que lutava e fazia o céu tremer com seus trovões, ele passou a ser uma divindade associada a outros aspectos da sociedade e da cultura.

Sabe-se que nos séculos X e XI, encontram-se referências a pessoas convocando o nome de Thor ou usando amuletos simbolizando seu martelo, para realizar casamentos, funerais, alianças, juramentos, consagrações, proteção do lar, demarcações de terras, convocação de assembleias etc. (DAVIDSON, 1965, p. 14-15). Neste ponto seu martelo Mjöllnir tornou-se um símbolo bem abrangente de significados.

O martelo de Thor era um símbolo associado basicamente a três aspectos: como arma, pelo qual o deus realizava seus combates, simbolizando força e poder; como instrumento mágico e ritualístico, com o qual se consagrava casamentos, nascimentos, funerais, enterros; demarcação de propriedades, proteção da casa, juramentos etc. Também era um símbolo relacionado à ressurreição, a fertilidade e a virilidade. (LANGER, 2010, p. 15).

Além do poderoso martelo Mjöllnir, outro objeto associado ao deus do trovão eram as chamadas “pedras do trovão” (*thunderstone*)<sup>9</sup>. Em diferentes locais da

---

<sup>8</sup> A única referência nas *Eddas* que se conhece sobre essa possibilidade de Bilskirnir abrigar a alma dos camponeses é mencionada brevemente no poema *Hárbarðsljóð*, 24.

<sup>9</sup> A luta de Thor contra o gigante Hrungnir, a qual é narrada no *Skáldskaparmál* da *Edda em Prosa*, e no poema *Haustlöng*, narra a história do conflito destes dois poderosos seres, no qual termina com a vitória de Thor sobre o gigante. Durante a luta, Thor arremessa seu martelo o qual estraçalha a cabeça

Escandinávia e em outros territórios longamente ocupados pelos vikings, como a Inglaterra, foram encontrados milhares de pequenos objetos naturais, alguns eram rochas, outros eram fósseis marinhos. Tais pedras foram achadas em locais de culto, locais de sacrifícios, templos, cemitérios, casas etc. (MCNAMARA, 2007, 289).

Os estudiosos acreditam que as “pedras do trovão” fossem usadas para distintos motivos, mas geralmente envolvendo a proteção do indivíduo e do lar, a fertilidade da terra, a prosperidade, boa sorte etc. As pessoas da época acreditavam que tais pedras eram fragmentos de raios. (MCNAMARA, 2007, 289).

Todavia um caso interessante de “pedra do trovão” é o exemplar de um broche encontrado no sul da Suécia. Nesse broche de metal, encontra-se no centro uma “pedra do trovão” que consiste num fóssil de equinoide (ouriço-do-mar), colocado numa base metálica e acompanhado de cada lado por uma figura caprina. Por se tratar de uma “pedra do trovão”, objeto associado ao deus Thor, tudo indica que os dois animais sejam representações de seus bodes Tanngrjóstr e Tanngrisnir. (Figura 1).



Figura 1: Um broche de metal retratando figuras caprinas ao redor de uma “pedra do trovão” ao centro. Nota-se aqui a ligação dos caprinos com o deus Thor. A peça foi datada sem exatidão, mas atribui-se como pertencente à Era Viking (VIII-XI). O broche atualmente se

---

do gigante, e uma das lascas atinge a cabeça do deus e fica ali presa. (Lindow, 2002, p. 185-186). Alguns mitólogos entendem esse mito como a narrativa que explica a origem das “pedras do trovão” associadas a Thor.



encontra no *Statens Historiska Museum*, Estocolmo. Fonte: PICCARID, L; MASSE, W. B. *Myth and Geology*, 2007, p. 290.

Diante de tais elementos percebe-se que o deus Thor era uma divindade de culto abrangente. Mas o que nos interessa para este estudo são suas ligações com a chuva, a terra, a virilidade e a fertilidade. A partir de tais aspectos podemos encontrar o meio pelo qual Thor estava associado aos caprinos. No entanto, por que o deus do trovão não estaria associado a animais como o lobo, o urso e a águia?

Lobos e ursos são animais associados ao simbolismo da ferocidade, da força, da bravura, do poder, da autoridade, da imponência, da virilidade, mas também personificavam o perigo e o medo. (GRÄSLUND, 2009, p. 122-123). Neste caso os lobos possuem um grande papel nos mitos nórdicos, sendo representados como criaturas monstruosas, principalmente devido a Fenrir e seus filhos, os quais causarão grandes danos aos deuses durante o Ragnarök. (PLUSKOWSKI, 2001, p. 131).

Odin como nos atestam os relatos mitológicos, possuía dois lobos de estimação, Geri e Freki. Mas além da condição de possuir lobos, Odin estava associado a tais animais por outros motivos pelo fato de ser um deus da guerra, dos mortos e da elite. Aqui o lobo encarna o elemento da força e do perigo (guerra), da morte (mundo dos mortos), da autoridade e da imponência (elite, nobreza).

Por ser um deus da guerra, havia um grupo de guerreiros chamados *berserkir* (“camisa de urso”), os quais alguns relatos sugerem que eles talvez prestassem algum culto guerreiro a Odin, e em troca o deus lhes forneceria um “furor animal” que os ajudaria no campo de batalha. Além disso, os relatos informam que os *berserkir* além de usarem peles de urso, eles também podiam vestir peles de lobo como forma de reafirmar essa sua ligação com tais animais, como se incorporassem seus “poderes”. (GRÄSLUND, 2006, p. 123).

No que diz respeito ao simbolismo da águia, sabe-se que entre alguns povos da América do Norte e da Ásia, águias e outros pássaros estavam associados com o

trovão, como no caso do “pássaro-trovão” na América do Norte. Mas na Escandinávia o mesmo não foi percebido. Durante a Idade do Bronze (1800-1000 a.C) a águia era um símbolo associado ao sol, ao céu e as viagens espirituais através do xamanismo. Durante a Idade do Ferro (1000 a.C – 750 d.C) e a Era Viking (750-1100) a águia passou a está associada com a guerra, a política, a realeza, a autoridade, o conhecimento, o céu etc. (LANGER; OLIVEIRA; FERREIRA, 2015, p. 132-142).

Após essa breve explanação simbólica sobre o lobo, o urso e a águia no contexto escandinavo, percebe-se que alguns elementos simbólicos podem ser associados a Thor, como a força, a ferocidade, a bravura, o perigo, a morte, o medo e a imponência, elementos encontrados no lobo e no urso, ou a associação com a guerra e o céu, visto com a águia, no entanto seu animal símbolo era o bode, como nos atestam os mitos, no fato de tais animais não apenas estarem relacionados ao deus, mas pela própria condição dele ser referido em algumas narrativas como o “Senhor dos Bodes”. Mas o que tornaria esse animal relevante de associação ao poderoso deus do trovão?

### **3. O simbolismo da cabra e do bode**

O bode hoje é lembrando bastante pelo seu simbolismo negativo, principalmente devido à influência judaico-cristã. Entre os séculos XI e XIV a representação imagética de Satã proliferou na Europa, tornando-o essencialmente um ser grotesco e monstruoso, lhe atribuindo chifres, barbicha de bode, patas caprinas, asas de morcego etc. Visual esse bastante influenciado pelos sátiros e faunos da cultura clássica. (DELUMEAU, 2009, p. 354-356).

Data desse período também o desenvolvimento de bestiários, livros especializados em comentar a relação biológica e simbólica de animais reais e fantásticos. Angélica Varandas (2006, p. 96-97) ao analisar alguns bestiários ingleses desse período, apontou que os bodes já eram associados a um simbolismo negativo. Se antes o bode era visto como um animal associado à fertilidade e a fecundidade, no

imaginário medieval cristão ele se tornou um símbolo essencialmente associado ao pecado da Luxúria. A sexualidade depravada e corrompida.

Esse simbolismo do bode como manifestação da lascívia, encontrou forte impacto social e cultural, quando foi ligado ao fenômeno da bruxaria a partir do século XV. No livro *O Martelo das Bruxas* (1486), um dos principais livros responsáveis por definir o que era uma bruxa e a bruxaria, o bode era um dos animais relacionados ao macabro Sabá. (KRAMER; SPRENGER, 1997, p. 200).

Todavia, para além desse simbolismo negativo, aqui brevemente comentado, antes disto se difundir pela Europa, o bode ao lado da cabra possuíam um simbolismo positivo e diverso, algo que remonta a longa história de convivência destes animais com os seres humanos.

Sheep and goats were, together with the dog, the first animals to be domesticated by human beings, around the end of the last ice age. Over the millennia, the symbolism and patterns of behavior these animals inspired have been especially intimately integrated into human culture. Sheep and goats are perhaps the only animals that have created not only an industry but also an entire way of life. Pastoral peoples must traditionally base almost every activity around their flocks, staying in one place for a time and then migrating when the edible vegetation is exhausted. (SAX, 2001, p. 222).

No caso escandinavo, a convivência com tais animais é algo bem antigo também. Cabras (*geitr*) e bodes (*hafrs*) são alguns dos animais domésticos mais antigos que se conhece na Escandinávia. Achados arqueológicos encontraram vestígios de ossos de cabras e ovelhas datados antes de 3000 a.C, o que revela a antiguidade da ocupação daquela região, e a extensa convivência de tais animais com a vida daqueles povos. (JENNBERT, 2002, p. 161).

Diante da tal informação, nota-se que em termos de animais domésticos, ovinos e caprinos estão entre os mais antigos a serem criados nas terras escandinavas, além do fato de que se encontram representações rupestres de tais animais, principalmente de bodes, ao longo da Idade do Ferro escandinava (1000 a.C – 750 d.C). Como também

a presença de ossos, chifres, peles de ovelhas e cabras em túmulos, e em locais de sacrifício. Percebe-se que no mundo rural escandinavo, ovinos e caprinos estavam entre os animais mais comuns associados a tais âmbitos, pelo menos em alguns locais. (JENNBERT, 2002, p. 161).

Com base nessa perspectiva podemos identificar que as figuras das cabras e dos bodes sejam uma representação do mundo rural e do campo, mas também da esfera doméstica, pois não foi incomum que algumas pessoas mantivessem seus animais de fazenda dentro de suas casas, devido à falta de estábulos ou currais, mas também como forma de usar o calor dos animais para aquecer o ambiente.

Assim, visivelmente as cabras e bodes são animais que claramente remetem ao mundo rural e doméstico, duas áreas as quais o deus Thor se associava, por um lado em ser o mensageiro das chuvas, por outro, em estar relacionado à demarcação de propriedades e a proteção do lar.

No entanto o que tornava esses animais importantes? Cabras e bodes essencialmente forneciam carne, couro (às vezes lã, dependendo da raça), como também seus cascos, chifres e ossos poderiam ser usados para se fabricar distintos objetos. No caso das fêmeas essas forneciam leite, com o qual se confeccionava queijo, manteiga e coalhada. Tais características levaram principalmente as cabras a se tornarem símbolos de fertilidade<sup>10</sup>, fecundidade, nutrição, mas também a personificarem a prosperidade<sup>11</sup>. (WERNESSE, 2006, p. 197).

---

<sup>10</sup> Dependendo da raça de cabra, as fêmeas já podem entrar no cio a partir do nono mês de vida. Por sua vez, o bode fica apto para cruzar a partir do décimo mês. Atingido a fase adulta, a cabra entra no cio a cada 21 dias, o que permite engravidar a cada mês. Não obstante, dependendo da saúde do macho, este pode cruzar com mais de 20 fêmeas durante um mês. O período de gestação das cabras leva cerca de 150 dias, mas variando de acordo com a espécie, saúde e o clima. Assim, uma fêmea pode dar à luz duas vezes ao ano, podendo parir de um a dois filhotes. (GUIMARÃES FILHO, 2009, p. 28-34). Devido a tais características os pastores antigos logo perceberam as cabras como símbolos de fertilidade e fecundidade.

<sup>11</sup> A cabra mais famosa da mitologia nórdica era Heidrún (Heiðrún), a qual vivia no palácio de Valhala, em Asgard. Heidrún se alimentava das folhas da árvore Læraðr, e ao invés de produzir leite, ela produzia hidromel, o qual abastecia diariamente o palácio de Odin, considerado o mais importante palácio de Asgard. (LINDOW, 2001, p. 166-167). Heidrún personificava a prosperidade, a nutrição e a fertilidade.

Boria Sax (2001, p. 223) comenta que em comunidades pastoris, o tamanho do rebanho era indicativo de status social e de riqueza. É evidente que ter vacas e cavalos gera um prestígio maior (ainda hoje), mas em locais onde tais animais eram escassos, o gado ovino e caprino era a principal fonte de riqueza. Algo também atestado pela arqueologia, devido ao fato que no período pré-viking, em alguns túmulos de pessoas pertencentes à elite, os corpos estavam envoltos em peles de ovelha, cabra, bode ou de vaca. (JENNBERT, 2009, p. 161-162). Embora que na época Viking encontram-se túmulos de pessoas sepultadas ao lado de cavalos, animal associado à elite.

Mais além dessas características apresentadas, outras que podemos destacar, estão o comportamento de tais animais, os chifres e a barba. No que diz respeito ao comportamento de cabras e bodes, estes são animais que não gostam de permanecer confinados, são exploradores, conseguem se adaptar bem a terrenos rochosos e montanhosos, daí haverem raças selvagens de cabras montanhesas.

Cabras e bodes também podem ser astutos em alguns casos, pois estando desgarrados do rebanho, possuem maior capacidade de sobrevivência do que uma ovelha, ou uma vaca, ou cavalo, pois os caprinos conseguem comer um número variado de alimentos vegetais (o que alguns levam a conceber a imagem de serem glutões). (JENNBERT, 2011, p. 63). No caso dos bodes, estes não costumam ser territoriais (exceto os que são selvagens), mas durante a época de cio, os machos podem ficar bastante agressivos. Além disso, há casos de bodes e de cabras que não se intimidam facilmente, podendo apresentar comportamento agressivo.

Além dessas características comportamentais e o simbolismo da cabra e do bode com a fertilidade, a fecundidade, virilidade e a prosperidade, caprinos também estavam associados com os fenômenos da chuva, do raio e do trovão. Algo encontrado em algumas mitologias.

Na mitologia grega, Zeus ainda bebê, foi amamentado pela cabra Amalteia e em determinado momento, ele quebrou um dos chifres dela. Então Zeus o transformou na cornucópia, um chifre mágico que concedia abundância de alimentos, como também

se tornou símbolo de fertilidade, fecundidade e prosperidade. (BRANDÃO, 1986, p. 263).

Após a morte de Amalteia, Zeus usou seu couro para forrar seu escudo, o Égide, o qual se tornou símbolo de sua autoridade e poder. No entanto, a Amalteia foi transformada em estrelas, passando a fazer parte da Constelação de Auriga (ou Cocheiro), a qual é representada por um homem segurando uma cabra nos braços. A estrela mais brilhante da Constelação de Auriga é Alpha Auriage, mais conhecida como Capella (do latim *capri* = cabra). Os gregos antigos a chamavam popularmente de “Olho da Cabra” e associavam essa estrela com as chuvas, tempestades e raios, fenômenos atribuídos à vontade de Zeus. (CHEVALIER; GHEERBANT, 1986, p. 223).

Em algumas regiões da China e do Tibete, havia a crença de que a cabeça de uma cabra ou bode teria paralelo com a bigorna, que por sua vez, era um objeto associado às divindades dos raios e trovões. (CHEVALIER; GHEERBANT, 1986, p. 222). Lei Gong, um deus chinês dos raios e trovões, era descrito portando um machado (ou maça, ou martelo) e um tambor. Inclusive ele estaria associado aos ferreiros, mas também era uma divindade associada às cabras e ao envio de chuva. (ROBERTS, 2010, p. 71).

Já num contexto mais próximo do mundo escandinavo, encontramos relatos mitológicos de origem celta, fino-úgrica e eslava como apontados por Johnni Langer:

Na mitologia celta, Thor corresponde ao deus Taranis (trovão) e Dagda, uma divindade que utilizava uma maça e andava numa carroça puxada por cabras. Na área báltica e lituana, corresponde ao deus Perkunos (Fulminante) e na Rússia a Perunnos, também associado a cabras, uma maça ou machado e ao trovão, as chuvas e a fertilidade. Na área finlandesa dos Sámi, o deus assumiu a forma de Horagalles, adaptado do nórdico Þórr-karl (o amigo Thor). (LANGER, 2015, p. 496).

Todavia, o que estas características teriam em comum com o deus Thor?

#### 4. O simbolismo dos caprinos com Thor

A associação de Thor com a chuva liga-o simbolicamente a fertilidade. Thor por ser o deus das tempestades acabou tornando-se não apenas o responsável por enviar os raios e trovões, mas também por conduzir a chuva, algo essencial para os povos rurais, ainda mais se pensarmos que na Escandinávia da Era Viking o número de cidades era bem pequeno e a maior parte da população vivia em vilas, aldeias e fazendas, logo, essa ligação com o mundo rural era grande.

Entretanto, além dessa ligação com a chuva, o raio também estaria associado com o simbolismo da fertilidade e fecundidade. O raio seria interpretado como a “fagulha celeste” que cai na terra, e concederia vida. (CHEVALIER; GHEERBANT, 1986, p. 871). Sendo Thor um deus dos raios e (das chuvas)<sup>12</sup>, observam-se esses elementos de fertilidade e fecundidade associados aos seus poderes, embora que exista um mito que também indique isso.

Na *Edda em Prosa*, no *Gyfalginning 44*, como já mencionado, Thor e Loki estão em viagem para Jotunheim quando decidem passar a noite numa casa de fazenda. Lá os proprietários recebem os dois importantes convidados. Thor mata seus bodes Tanngnjóstr e Tanngrisnir, e os oferece para serem servido no jantar. O deus recomenda que os ossos e a pele não devessem ser tocados, mas por descuido, Thjálfi enquanto comia um pedaço de carne, acabou partindo um dos ossos que ali ainda se encontrava.

No dia seguinte, quando o deus do trovão usou seu martelo para ressuscitar os bodes, um deles estava manco<sup>13</sup>. Sem adentrar mais profundamente a análise desse

---

<sup>12</sup> Por mais que Thor esteja relacionado com a fertilidade e a fecundidade através do simbolismo da chuva, do raio e das cabras, não se pode toma-lo como um deus da fertilidade por inteiro, já que na própria mitologia nórdica, tais funções eram atribuídas aos irmãos Freyr e Freyja. Essencialmente Thor era um deus guerreiro, mas que possuía outras funções.

<sup>13</sup> Carlos Ginzburg em seu livro *História Noturna* (1986) dedicou o capítulo *Ossos e Peles* a comentar de forma bem extensa vários mitos e lendas envolvendo personagens que eram coxos, e histórias de animais que foram ressuscitados a partir de seus ossos. Ginzburg revela que na Europa e na Ásia existem dezenas de histórias relacionadas à ressurreição de animais a partir de seus ossos, e a maioria estava associada a questões de renovação da vida, fertilidade, restauração do tempo etc.

mito, alguns mitólogos consideram que ele seja uma representação de um sacrifício. Neste caso, o ato de Thor matar seus bodes e servi-los para a refeição, seria entendido como uma oferta de sacrifício, pois se sabe que cabras e bodes eram sacrificados ao deus. Não obstante, o ato de ele ressuscitar os dois animais, usando seu martelo, seria interpretado como um mito associado à fertilidade e a renovação da vida e do campo. (LINDOW, 2000, p. 173).

Para não matar os humanos por tal afronta, o casal ofereceu seus filhos para que se tornassem escravos de Thor, o qual aceitou a proposta. Aqui se percebe uma alusão à relação de senhor e servo, lembrando que os dois irmãos eram fazendeiros, outro elemento associado ao deus do trovão. O erro de Thjälfi seria compreendido como um sacrilégio ao rito, uma afronta dele a benevolência do deus. (LINDOW, 2000, p. 174).

Não obstante, além desses elementos referentes à fertilidade, o comportamento dos caprinos, especialmente dos machos, é algo que encontra paralelo com o comportamento de Thor, pois o deus era descrito nos mitos como sendo impulsivo, bravo e enérgico. Thor era um homem de ação, um guerreiro, um homem que comia e bebia muito, características apreciadas na sociedade escandinava da Era Viking. Isso remete a ideia de virilidade naquela cultura. (DAVIDSON, 2004, p. 61).

Se recordarmos que bodes podem possuir um comportamento impulsivo, teimoso e até bravio (principalmente os bodes selvagens), assim como, o fato de alguns o considerarem comilões devido a sua capacidade de ter uma dieta variada, tais elementos encontram respaldo no comportamento do deus do trovão.

Mas além destes, a condição de que os caprinos são animais que gostam de liberdade e de explorar o terreno, como também conseguem se adaptar a terrenos irregulares, encontra paralelo ao fato do deus Thor ser mencionado na maioria das vezes estando em viagem à terra dos gigantes (Jotunheim), fazendo isso principalmente a pé, tendo que passar por campos, montanhas, rios e mares, o que revela a condição de ser um deus aventureiro. (MOTZ, 1997, p. 329).



Não obstante, os chifres de cabras e bodes estavam associados à ideia de fertilidade, fecundidade e prosperidade, como também eram símbolos de força, de autoridade e poder<sup>14</sup>. Entre os escandinavos havia o costume de se beber em chifres. Geralmente quando se bebia num chifre era por ocasião especial<sup>15</sup>. Não obstante, o chifre também é um símbolo fálico, estando associado à fertilidade (como a cornucópia) e a virilidade. (CHEVALIER; GHEERBANT, 1986, p. 347, 388). Ambas as características encontram novamente correlação ao deus Thor, lembrando mais uma vez sua ligação com as chuvas (fertilidade) e sua condição de guerreiro (virilidade).

A segunda característica física, neste caso a barba, também possui relação com Thor. O deus é descrito como sendo ruivo e barbudo, e algumas histórias contam que ao balançar sua barba ele causaria os trovões. Bodes são conhecidos por possuírem barbichas. A barba também é um símbolo relacionado ao masculino, a virilidade, a coragem, a autoridade e a sabedoria, aspectos associados ao deus do trovão (exceto a sabedoria)<sup>16</sup>. (CHEVALIER; GHEERBANT, 1986, p. 177).

Uma terceira característica física, a qual se mostra interessante, mas também curiosa: os dentes. Caprinos e ovinos são ruminantes, possuem uma dentição específica para isso, no entanto, a relação entre os bodes de Thor com os dentes, se encontra nos seus próprios nomes. Tanngnjóstr e Tanngrisnir possuem na raiz de seus nomes a palavra *tanna*, que significa dente em nórdico antigo. No entanto, não existe um consenso quanto à tradução dos nomes, os quais variam bastante de significado<sup>17</sup>. Tanngnjóstr seria algo como “dente que rasga”. Já Tanngrisnir seria “dente que range”.

---

<sup>14</sup> Sobre a relação etimológica de Thor com a noção de força e poder, conferir o estudo de Declan Taggart, *Understanding diversity in Old Norse religion taking Þórr as a case study* (2015), p. 65-68.

<sup>15</sup> Em algumas representações pictográficas, aparecem mulheres segurando chifres, em posição de oferecê-lo a um guerreiro, que as vezes aparece montado num cavalo. Nos mitos se diz que em Valhala os guerreiros seriam recebidos pelas valquírias as quais lhe ofereciam hidromel, cerveja ou vinho em chifres. (GRÄSLUND, 2009, p. 254).

<sup>16</sup> Thor era conhecido por ser um deus impaciente, colérico e às vezes ingênuo.

<sup>17</sup> Para Kathleen Daly (2009, p. 100) Tanngnjost significaria “tooth gnisher” e Tanngrisnir significaria “tooth grinder”. Para Peter Munch (1926, p. 11), Tanngnjost seria “One who grinds teeth” e Tanngrisnir seria “One who is ‘pig-toothed having distinct interstices between the teeth”.

(ZOËGA, 1910, p. 433). No entanto alguns estudiosos traduzem seus nomes como “Moedor” e “Roedor”, ou “Triturador” e “Perfurador” etc.

Mas qual seria a relação dos dentes que dão nome aos bodes de Thor, com o deus do trovão? De acordo com Chevalier e Gheerbant (1986, p. 417) entre alguns dos significados simbólicos atribuídos aos dentes estavam de representar a virilidade, a saúde, o vigor, a força e a ferocidade (principalmente os caninos). O ato de mastigar e triturar personificaria a força, por sua vez dentes brancos e bonitos, representaria a boa saúde, o vigor e a virilidade. Embora ainda hoje seja uma prática comum se conferir a dentição dos animais para atestar sua saúde.

Mas além dessa analogia entre a dentição dos caprinos com o nome dos animais, existe outra referência a qual a aproxima de Thor, não propriamente do deus, mas sim de um de seus objetos pessoais, seu martelo Mjölnir. Assim como o nome dos bodes também é de difícil tradução, o mesmo ocorre para a tradução de Mjölnir, havendo distintas interpretações. Alguns mitólogos sugerem que o nome do martelo representaria as ações de esmagar, derrubar, quebrar e triturar. (LANGER, 2010, p. 30). Percebe-se uma forte aproximação semântica entre os significados do nome dos bodes com o significado do nome do martelo.

### **Considerações finais**

Após esse estudo, podemos conjecturar que uma das condições do deus Thor estar relacionado aos bodes, em parte advém de uma antiga tradição do norte da Europa, algo perceptível quando estudamos mitologias e religiões de povos vizinhos aos escandinavos como os celtas, os fino-úgricos e os eslavos, os quais possuíam divindades como Dagda, Perunnos, Horagalles, entre outros, os quais estavam associados ao trovão, aos raios, a chuva, a fertilidade, mas em alguns casos também viajavam em carroças puxadas por cabras ou bodes.

Embora possa se haver contestação quanto à manutenção de tradições religiosas e mitológicas ao longo de séculos, e até mesmo a continuidade e transmissão dessas, embora que Carlo Ginzburg em *História Noturna* (1986), tenha mostrado que isso seja possível, e até mesmo Mircea Eliade em alguns de seus estudos sobre os povos indo-europeus, assinalou noções mitológicas em comum. Ainda assim, ao se analisar as características simbólicas associadas ao deus Thor como: sua origem familiar, sua esposa, seus epítetos, seus atributos físicos, comportamentais e religiosos com o simbolismo das cabras e dos bodes, percebemos um forte paralelo entre ambos.

Por mais que se possam encontrar proximidades de Thor com o lobo, o urso e a águia (animais associados à Odin, principalmente o lobo e a águia), ainda assim, estes consistem em animais selvagens e relacionados com a realeza. Por sua vez, como comentado, cabras e bodes eram animais de fazenda, os quais estavam bem mais associados com o doméstico, o rural e o camponês, elementos nos quais Thor encontrava forte recepção e apelo, embora não signifique que Thor não fosse cultuado pelos guerreiros ou pelas elites.

O simbolismo da fertilidade, fecundidade, virilidade; e os simbolismos dos chifres, da barba e dos dentes dos caprinos, e os próprios animais em si, todas as simbologias a eles associados e comentados neste estudo (embora existam outras), nos revelou grande ligação ao deus Thor e suas funções religiosas como uma divindade relacionada a vários aspectos da vida humana. Inegavelmente cabras e bodes eram animais que estavam associados ao deus do trovão.

## Referências

- ANÔNIMO. Hymiskviða. In: *Poetic Edda*. Translation Karl Hildebrand, Hugo Gering and Henry Adams Bellows. Melbourne: Bogdan Opanchuk, 2011. p. 190-208.
- ANÔNIMO. Thrymskviða. In: *Poetic Edda*. Translation Karl Hildebrand, Hugo Gering and Henry Adams Bellows. Melbourne: Bogdan Opanchuk, 2011. p. 238-252.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega* – vol. 1. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. 3v

CHEVALIER, Jean; GHEERBANT, Alain. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CLARKE, Helen. A vida cotidiana. In: GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *Os Vikings*. Barcelona, Ediciones Folio, S.A, 2006.

DALY, Kathleen N. *Norse mythology*. 3. ed. New York: Chelsea House Publishers, 2009.

DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. O deus do trovão. In: *Deuses e mitos no norte da Europa*. São Paulo: Madras, 2004. p. 61-77.

\_\_\_\_\_. Thor's hammer. *Folklore*, v. 76, n. 1, 1965, p. 1-15.

DELUMEAU, Jean. *História do medo do ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução de Maria Lucia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUMÉZIL, Georges. *Gods of the Ancient Northmen*. Los Angeles: University of California Press, 1977.

GINZBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. Tradução de Nilson Moulin Louzada. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 200-249.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. The material culture of Old Norse religion. In: BRINK, Stefan (ed.). *The Viking World*. London/New York: Routledge, 2008. p. 249-256.

\_\_\_\_\_. Wolves, serpents, and birds. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). *Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions*. Lund: Nordic Academy Press, 2006. p. 124-129.

GUIMARÃES FILHO, Clóvis. *Manejo básico de ovinos e caprinos: guia do educador*. Brasília: SEBRAE, 2009.

JENNBERT, Kristina. *Animals and humans: recurrent symbiosis in archaeology and Old Norse religion*. Lund: Nordic Academy Press, 2011. (Vägar Till Midgård, 14).

\_\_\_\_\_. Sheep and goats in Norse paganism. *PECUS*. Man and animal in antiquity. Proceedings of the conference at the Swedish Institute in Rome, 2002, p. 9-12.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O martelo das feiticeiras*. Tradução de Paulo Fróes. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

LANGER, Johnni. Hymiskviða. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Editora Hedra, 2015. p. 259-261.

\_\_\_\_\_. Sif. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Editora Hedra, 2015. p. 459-462.

\_\_\_\_\_. Símbolos religiosos dos vikings: guia iconográfico. *História, imagem e narrativas*, n. 11, 2010, p. 1-28.

\_\_\_\_\_. Thor. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015. p. 496-503.

\_\_\_\_\_. Thrymskviða. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015. p. 503-518.

\_\_\_\_\_. *Na trilha dos vikings: estudos de religiosidade nórdica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

LANGER, Johnni; OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes de; FERREIRA, Andressa Furlan. O simbolismo da águia na religiosidade nórdica pré-cristã e cristã. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, a. III, n. 23, set./dez. 2015, p. 125-162.

LINDOW, John. *Norse mythology: A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. Thor's visit to Útgarðaloki. *Oral Tradition*, v. 15, n. 1, 2000, p. 170-186.

MCNAMARA, Kenneth J. Shepherds' crowns, fairy loaves and thunderstones: the mythology of fossil echinoids in England. In: PICCARDI, L; MASSE, W. B (eds). *Myth and Geology*. London: The Geological Society, 2007.

MOTZ, Lotte. The Germanic thunderweapon. *Saga-Book*, v. XXIV, 1994-1997, p. 329-349.

MUNCH, Peter Andreas. *Norse mythology: legends of gods and heroes*. New York: American-Scandinavian Foundation, 1926.

PETTAZZONI, Raffaele. El Ser Supremo: estructura fenomenológica y desarrollo histórico. In: ELIADE, Mircea; KITAGAWA, Joseph M (orgs.). *Metodologia de la historia de las religiones*. Barcelona: Ediciones Paidons, 1986. p. 86-94.

PLUSKOWSKI, Aleksander G. Lupine apocalypse: the wolf in pagan and Christian cosmology in medieval Britain and Scandinavia. *Cosmos*, vol. 17, 2001, p. 113-131.

RENFREW, Colin. BAHN, Paul. *Archaeology, theories, methods, and practice*. 6. ed. London: Thames & Hudson, 2012.

ROBB, John E. The archaeology of Symbols. *Annual Review of Antropology*, v. 27, 1998, p. 329-346.

ROBERTS, Jeremy. *Chinese mythology*. 2. ed. New York: Chelsea House Publishers, 2010.

SAX, Boria. *The mythical zoo: an encyclopedia of animals in world myth, legend, and literature*. Santa Barbara (CA): ABC-CLIO, 2001.

STURLUSON, Snorri. *The Uppsala Edda*. Edited with introduction and notes by Heimir Pálsson. Translated by Anthony Faulkes. London: Viking Society for Northern Research/University College London, 2012.

TAGGART, Declan Ciaran. *Understanding diversity in Old Norse religion taking Þórr as a case study*. 2015. 246f. Tese (PhD in English) – School of Language and Literature, Centre for Scandinavian Studies, University of Aberdeen, Aberdeen, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *Teorias dos Símbolo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

VARANDAS, Angélica. A cabra e o bode nos bestiários medievais ingleses. *Brathair*, v. 6, n. 2, 2006, p. 95-116.

WERNESSE, Hope B (org.). Goat. In: *The Continuum Encyclopedia of Animal Symbolism in Art*. New York/Londo: Continuum, 2006. p. 196-198.

WILLIS, Roy (ed). *Signifying Animals: human meaning in the Natural World*. London/New York: Routledge, 1994. (One World Archaeology, v. 16).

ZOËGA, Geir T. *A concise Dictionary of Old Icelandic*. Oxford: Clarendon Press, 1910.